

# Líderes querem que Collor desista da idéia de um bloco de apoio

Os líderes dos partidos aliados ao governo estão tentando demover o presidente Fernando Collor da idéia de formar um bloco para eleger a Mesa do Congresso. A criação desse bloco partidário para garantir uma situação confortável ao governo no Legislativo se for levada adiante, como deseja Collor, quebrará uma tradição do Congresso, que sempre elegeu para a presidência e principais cargos parlamentares do partido majoritário, no caso, o PMDB.

Collor dedicou parte da manhã de ontem a audiências com líderes partidários aliados do governo, como faz todas as terças-feiras. Ele conversou, isoladamente, com o líder do PDS, Amaral Neto; do PFL, Ricardo Fiúza — que reúne a segunda maior bancada do Congresso, com 98 parlamentares —, e com os líderes do governo na Câmara, Humberto Souto (PFL) e no Senado, Ney Maranhão (PRN). Com todos o presidente voltou a insistir na formação do bloco (com a participação dos partidos dispostos a apoiar o governo no Congresso) para eleger o presidente da Casa e ocupar os principais postos nas diversas comissões técnicas que, pela tradição, devem ser indicados pelo PMDB.

Amaral Neto e Fiúza manifestaram ao presidente uma posição contra a idéia do bloco. Segundo o líder do PDS, nenhum partido tem interesse em retaliar o PMDB. Além disso, Amaral acredita ser mais prudente aguardar a posse do novo Congresso para só então dar algum passo nessa direção.

Fiúza não admite sequer discutir a proposta. Para o líder do PFL na Câmara, existem possibilidades de se alterar o regimento interno do Congresso de forma a amenizar a hegemonia do PMDB na Mesa.

Fiúza disse ainda que criar uma situação de confronto pode até mesmo inviabilizar um procedimento mais importante, que é a formação de um bloco informal de apoio ao governo. O líder do PFL disse que as conversas entre os parlamentares e Collor vão prosseguir durante o recesso do Legislativo. "Neste período é bem possível que a gente consiga costurar este apoio".

## Delfim com Ulysses

O deputado Ulysses Guimarães tem um aliado de peso na sua briga pela presidência da Câmara: ontem, o deputado Delfim Neto (PDS) reiterou o seu apoio a Ulysses, sob o argumento de que "ele é o homem certo para presidir a Câmara com independência". Delfim pretende, na realidade, dar a partida a um movimento político bem mais amplo, que se destina a unir as forças políticas de São Paulo com vistas às eleições de 1994, que serão simultâneas — presidente da República, governador, senador, deputado federal e deputado estadual. Essa coincidência, na sua opinião, permitirá que o Estado se apresente unido em 1994, ao contrário do que ocorreu ano passado, quando cinco candidatos (Ulysses, Lula, Covas, Maluf e Afif) concorreram e perderam a eleição.